



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SEculo**[SANTA
RITA]

CASTIGO SALVADOR

POR ARGENTINITA

A pequenina Nitinha,
Muito viva e graciosa,
O grande defeito tinha,
De ser assás preguiçosa.

Logo pela manhãzinha,
O Sol, com seu raiozinho,
Beijava a fronte à Nitinha,
Segredando com carinho:

Dias inteiros levava
A correr, brincar, saltar...
Nos livros nunca pegava;
Não gostava de estudar!

— «Estuda, se queres ser
Feliz e ditosa em tudo,
Porque os Grandes de saber
Só venceram pelo estudo!»—

Pois, a-pesar-de já ter
Oito anos, não sabia
Escrever, contar e ler;
Nem soletrar conseguia.

A mamã, que só vivia
Para a filha, neste mundo,
Por a ver assim, sofria
Um desgosto bem profundo.



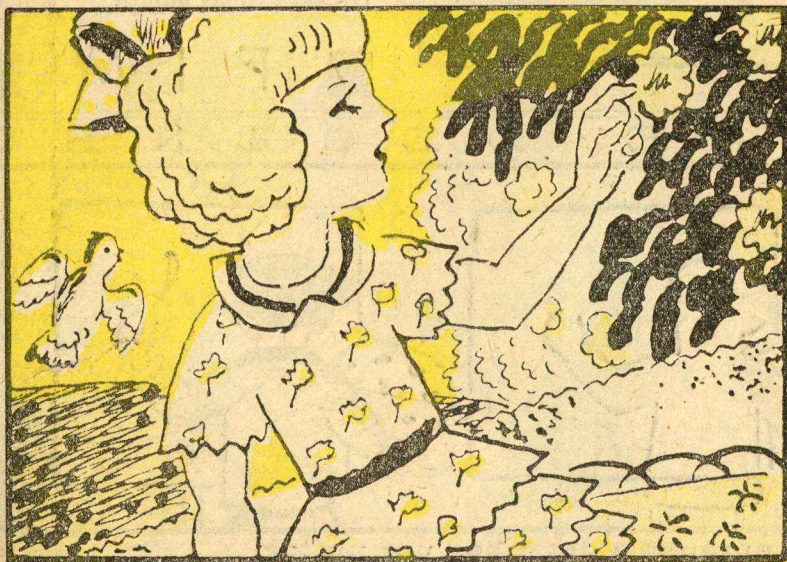
E procurava, também,
Fazer-lhe compreender,
Na vida, o valor que tem
O trabalho e o saber!

Conselhos, ralhos da Mãe,
Que o mais puro amor ditava,
Tudo era inútil; porém,
A Nita não se emendava.

Mas a mamã (sem cansa
Antes com jeito e carinho)
Ruminava na maneira
De a trazer ao bom caminho.

E, tanto, tanto pensou
Em a filha castigar,
Que, sem tardar, encontrou
Um castiguinho exemplar:

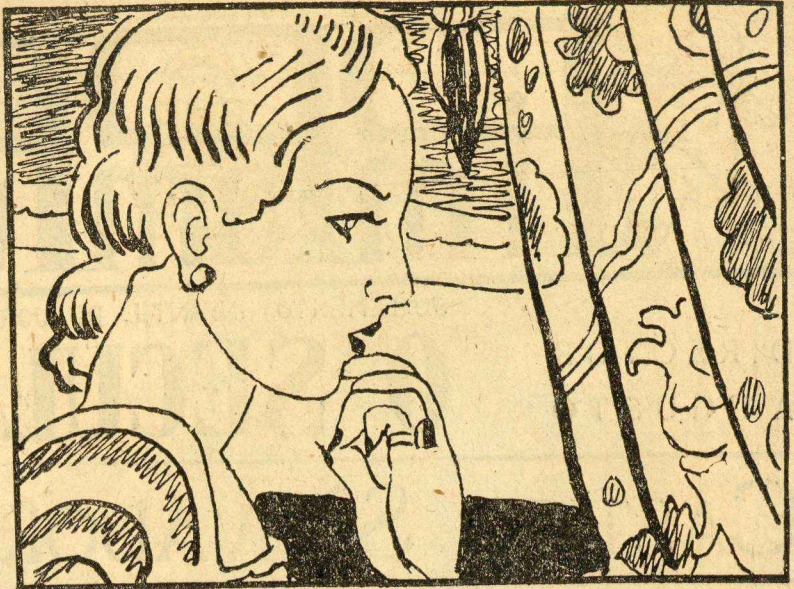
Como a garota adorava
Ternamente o «Pim-Pam-Pum»,
E de alegria exultava
Quando ouvia ler algum...



Resolveu não lhe ler mais
Os contos que nele vem.
E nem protestos, nem ais
Demoveram sua Mãi!...

Ora o Anão Sabichão,
Dos meninos tão amigo,
Mas que a tôda a má acção
Dá o devido castigo,

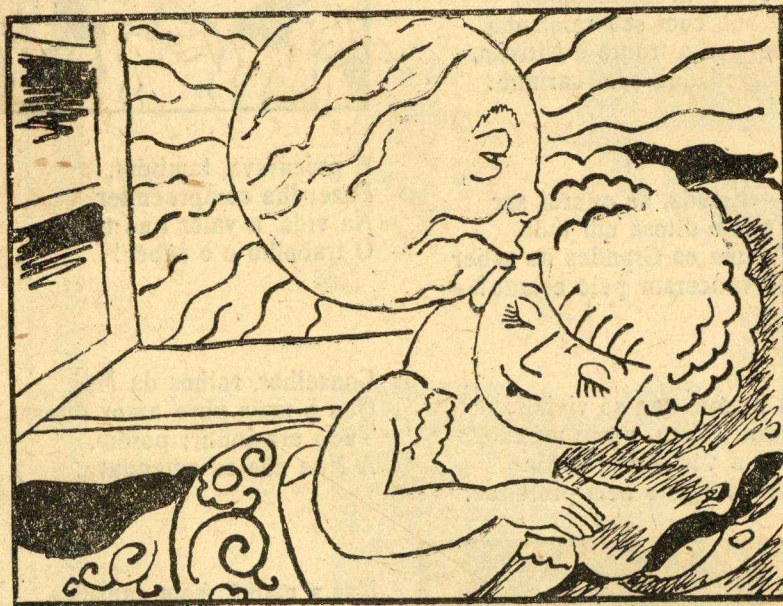
(Como éle tudo adivinha)
Pensou logo em ajudar
No castigo que à Nitinha
A mamã resolveu dar.



No «Pim-Pam-Pum», o jornal
Que educa e brinca por vezes,
Que' é o Orgão Oficial
Dos meninos portugueses,

Proibiu que tudo lessem
(Proibição a valer!...)
Aos meninos que estivessem
Em idade de o saber,

E, entre os seus ralhos amigos,
Demonstrou — (e muito bem!) —
Os dissabores e os p'rigos
Que da preguiça provém,



Logo êsse belo sermão
A mãzinha à Nita leu,
Que, entre lágrimas, então,
Emendar-se prometeu!

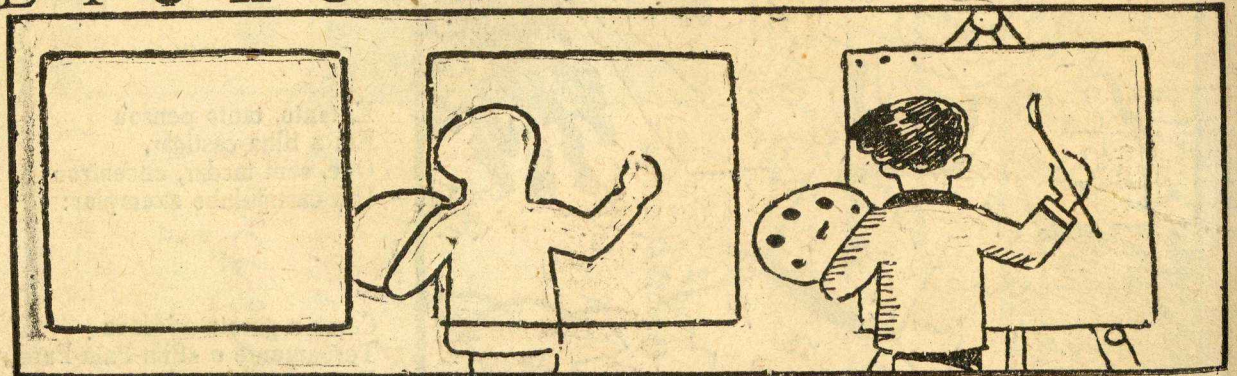
Hoje estuda com amor,
E' briosa, é muito boa,
E o castigo salvador
Mil vezes ela abençoa!...

.....

Que ao bom Anão Sabichão
Deus premeie a sua acção,
Por tanto e tanto ajudar
As mãis, na nobre missão
De seus filhos educar!...

■ F I M ■

L I C A O D E D E S E N H O



Como se aprende a desenhar um pintor

CADA QUAL no seu LUGAR

Por ANTONIO GONÇALVES

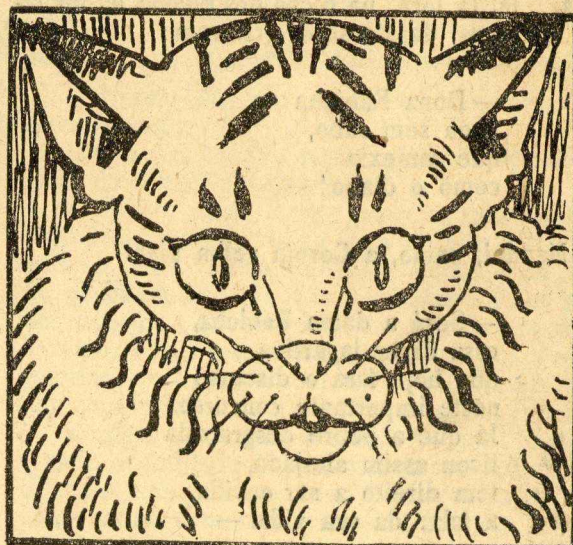
NUM quintalejo, morava a D. Galinha, o mestre Galo e a filharada, seis pintaínhos que eram os encantos dos pais.

Nas capoeiras vizinhas, moravam : um casal de coelhos, outro de patos com três filhos, e uma rola que entrava e saía da casinha, sem nunca se afastar do quintal.

Mais longe, na residência dos donos, vivia o «Tigre», um gatarrão gorducho e sonolento que vinha, de vez em quando, dormir ao sol no quintal, perto das galinhas.

Uma tarde dormitava o «Tigre» junto à rede da capoeira, quando lhe pareceu ouvir :

Có-có-ró-có !
Bichaninho dorminhoco,
Vens aqui fazer ó-ó ?
Dorme, dorme bichaninho
Que o rato, daqui a pouco,
Sairá do buraquinho.



vinha o rumor e viu os Patos com os filhinhos a rirem, muito satisfeitos e o Pato-pai a dizer :

Cuá-Cuá-Cuá !
Como esta outra não há,
Esse «Tigre», fanfarrão,
Não vai caçar o ratinho,
Tem fama de gatarrão
E não passa de gatinho...

O «Tigre» abriu um olhinho, depois o outro, para ver se sonhava ou se era verdade o que ouvia... E logo chegou do outro lado, da banda dos patinhos, um rumor, que parecia dizer-lhe respeito.

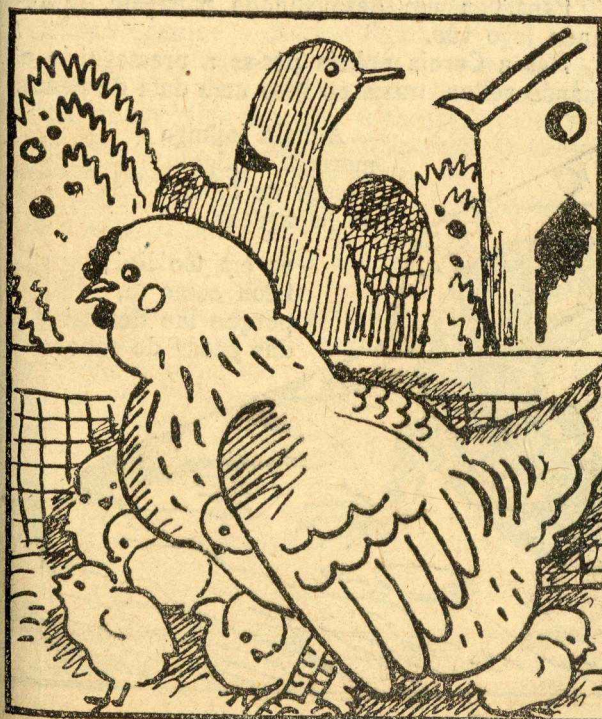
Prestou atenção, olhou para o lado de onde

Mas o «Tigre» fez de conta que não ouviu a troça do Patinho-pai e continuou enroscado, pensando lá para consigo :

— Pois sim; tudo isso é inveja por me verem aqui e não reparam, sequer, que nada fazem que tenha utilidade...

Porém, não teve tempo de pensar mais nada, porque lá de cima das capoeiras, onde era a casi-

(Continua na página 6)



A LAGARTIXA RABICHA

POR ANÃO SABICHÃO

A INDA eu estava recolhido no meu bogalhinho, já, lá fóra, na bicha dos bichos, os bicharocos, desaforados, gritavam;

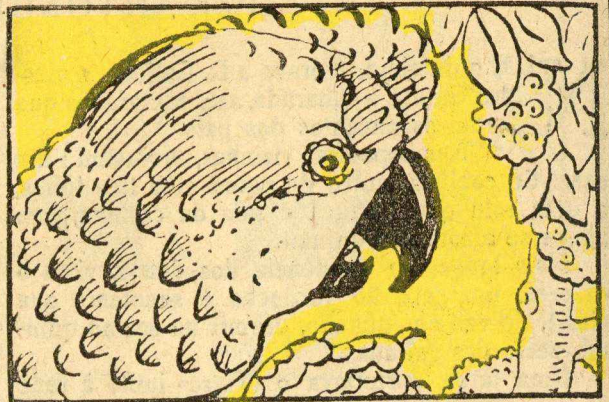
— Dona Rabicha ficou sem rabo, que remexia como o diabo! —

Mandei, então, a Coruja velha piar:

— Será a dama Rabicha, essa digna lagartixa que hoje fará o discurso — neste importante concurso. Já que a pobre desgraçada ficou assim aleijada, tem direito a sêr ouvida, a falar da sua vida. —

O temível Corujão e os filhos corujinhos fãr piando e iam bicando:

— Nossos bicos afiados vos farão em mil bocados, se vocês, seus malcriados, não se ficam mui calados! —



Sem a sua vivacidade costumada, a lagartixa Rabicha avançou, cheia de ligaduras.

— Eu, que sou tão espirituosa e viva, sinto-me pouco à vontade... — dizia ela, mal ousando levantar os olhos para mim.

— Como te sucedeu semelhante desastre? — indaguei eu.

— Foram os pés dum papão gigante, neto do hortelão, que me partiu o rabo em dois. — respondeu, tôda chorosa.

— Pé de gigante, pé de papão, partiu-o em dois, de encontro ao chão! —

Papageou um desáustinado papagaio, levantando logo vôo.

Mas a Coruja polícia pôs-se a pressegui-lo e, quando voltou, trazia no bico uma data de penas.

— Aquele inimigo merecia castigo! Escuso de falar, de papaguear,

se era tão lirú; ficou como tu, porque lhe dei cabo das penas do rabo! —





Disse, dirigindo-se à lagartixa.
O caso fez emudecer, de medo, os bichos irrequietos.

E a Rabicha continuou a sua história:

— Estava eu, — disse ela, — à beira dum carreiro, a tomar o meu banho de sol... Nisto, vieram uns pés a correr com muita pressa!... Nem me deram tempo para me esgueirar! Quando dei por mim, o meu rabinho rabiava, como uma enguia, julgo que de desgosto por ter ficado, assim, separado do corpo. Desde esta grande fatalidade, sou muito infeliz!

Quando penso que nunca mais poderei dar ao rabinho, — o que eu fazia com uma tal elegância! — gemeu a chorosa Rabicha.

— A tua pouca experiência da vida, é que eu admiro! Descansa e não sejas tão assustadiça! Pela minha vida adiante, tenho presenciado, na tua família, vários casos semelhantes! O desastre não é irremediável, como julgas! —

— Que me diz, amigo Anão? — exclamou ela tôda esperançada.

— A verdade! Duma sei eu, que é a tua tia Remexida, que, quando era nova, esmigalhou o rabinho debaixo dum pedregulho, e, daí a tempos, cresceu-lhe outro, mais brilhante e azougado que o primeiro! Com êsse tem passado parte da vida e fez um bom casamento, porque ainda ficou mais elegante!

Os olhinhos de Dona Rabicha brilharam de satisfação.

— Dás-me, então, esperança de que voltarei a ter um rabinho, às voltas e reviravoltas, como o meu defunto?

— Certamente! Certamente!

— Custa-me ficar com esta fama de ignorância...! — comentou a lagartixa, bastante envergonhada.

— Nesse caso, não te vás, sem mostrares qualquer sabedoria!

Que sabes tu que possa interessar os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum?»

— Posso dizer-lhes, por exemplo, que as lagartixas, mais os lagartos e lagartinhos, são animais úteis e não temíveis! Têm-nos na conta de peçonhentos. Isso não é verdade! Só os grandes lagartos é que mordem, mas não têm peçonha. Vivemos nos taludes ou entre rochas; ali cavamos galerias, em lugares com muito sol. Nessas tocas nos conservamos adormecidos todo o inverno.

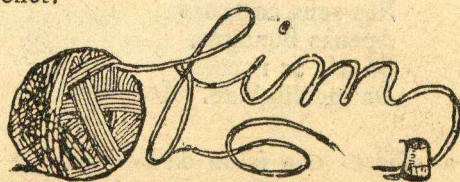
E disse que somos úteis, porque papamos grande quantidade de insectos, vermes e moluscos. E agora, amigo Anão, peço-lhe desculpa de o ter incomodado e muito agradecida lhe fico.



— Olha lá, quando te nascer o novo rabinho, vem fazer-me uma visita. Sempre gostava de saber se virá cinzento, se verde.

— Quem dera que fôsse verde! O verde está na moda! E fica-me tão bem ao parecer!

E com esta se foi a lagartixa Rabicha, esgueirando-se, rapidamente, entre a bicharia da bicha dos bichos.



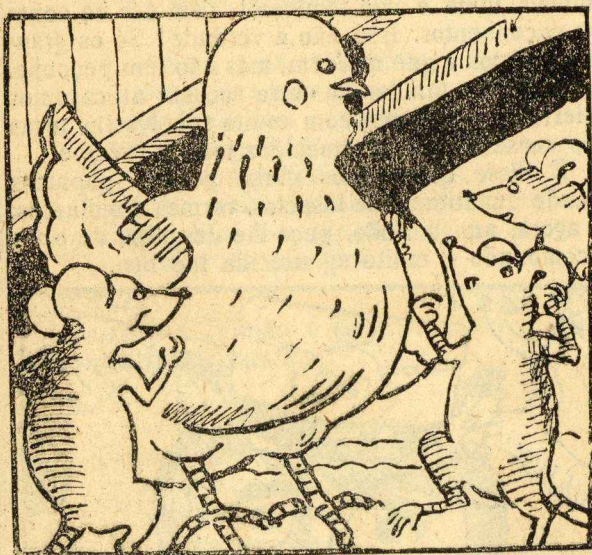
CADA QUAL no seu LUGAR (Continuado da página 3)

nha da rolinha, também partiu um gracejo, que vexou a dignidade do «Tigre».

Era a menina rola, empoleirada lá no alto, que olhava, de cabecinha ao lado, o gato a dormir cá em baixo, e lhe dizia:

Põe-te na rua!
Daqui para fóra,
Põe-te na rua!
Pois a esta hora,
Na casa que é tua,
Andam ladrõezinhos
Que são os ratinhos,
Brincando, cá fóra!

Então o «Tigre» levantou-se, olhou para os que



lhe dirigiam os gracejos, a começou à descompostura:

Oh! D. Galinha,
E's bem a vizinha
Da bisbilhotice,
Quem foi que te disse
Que eu, estando a dormir,
Já deixo sair
Do seu burquinho
O mestre ratinho?
E tu, ó Patinho;
Tens tanto filhinho
Que te dê cuidado;
Em vez de lhes dar
Exemplos, lições,
Que possam criar
Nos seus corações
Apenas bondade,
Só dás as noções
Da incivilidade.

E o «Tigre» não falou da Rolinha que continuava a olhar para éle, toda senhora do seu bi-

quinho, porque o Gato se não atrevera a olhar para ela.

Então, dispôs-se a continuar com o gracejo — «Põe-te na rua» — quando o Gato subiu para um muro e dali lhe falou:

Menina Rolinha,
Vai lá p'rá casinha
E trata de ti,
Que és muito tolinha
E tolas, rolinha,
não faltam aí:
E's tu, a Galinha
E a D. Patinha.

Depois, de cima da sua tribuna, convidou a Galinha a tomar o seu lugar, na cozinha, para ver se conseguia caçar o ratinho:

— Vamos trocar, D. Galinha; Eu ficarei aí na capoeira, comendo e dormindo, sossegadamente, e tu irás para o meu lugar, sempre com a preocupação de apanhares o mestre roedor, que salta à dispensa e rói a madeira e acorda o meu dono.

E assim fizeram, porque a Galinha preferia a liberdade do Gato, à sua prisão na capoeira.

O pior foi que, quando a noitinha chegou, os pintainhos precisavam do calor tão confortável da asa materna e o Gato desejava dormir em sossêgo.

Assim, os pintainhos levaram a noite a piar, com saudades da mãezinha e não deixaram dormir a vizinhança.

Em compensação, na cozinha, três ratinhos dansavam em volta da Galinha e cantarolavam, dizendo ao novo guarda:

Que graça que tem,
Que capa tão fina
E pés só tem dois,
Não pode correr,
Já estamos tão bem
Com esta menina...
Dansaremos, pois,
Que dentes não tem,
Não pode morder.

E continuaram na grande brincadeira, puxando às vezes pelas penas da Galinha, que acordava estremunhada e ficava muito amedrontada com os ratinhos, desejando ardentemente que chegasse a manhã, para passar à sua capoeira.

No dia seguinte, o Gato e a Galinha, voltaram aos seus lugares, sem, sequer, olhar um para o outro, tal a troça que haviam sofrido.

Todos riram quando o Gato saiu da capoeira e viram chegar a Galinha, já com falta de penas, a correr para os pintainhos que ficaram muito contentes.

Então, o Patinho-pai, depois de tomar o banhi-

O CESTINHO da COSTURA

Ora aqui têm vocês um trabalho que, além de bonito, é bastante útil.

Esta barrinha, tão simples, apenas feita em ponto pé de flôr, está, com certeza, ao alcance da ciência de tôdas as minhas abelhinhas.

Que verdadeiro motivo de alegria poderem abrir a vossa gaveta da roupa e dizerem: «Esta camizinha fiz eu!»

E que encanto ver sair êsses trabalhos das vossas próprias mãos!

E a alegria da mãizinha ao ver, assim, uma filha tão habilidosa?

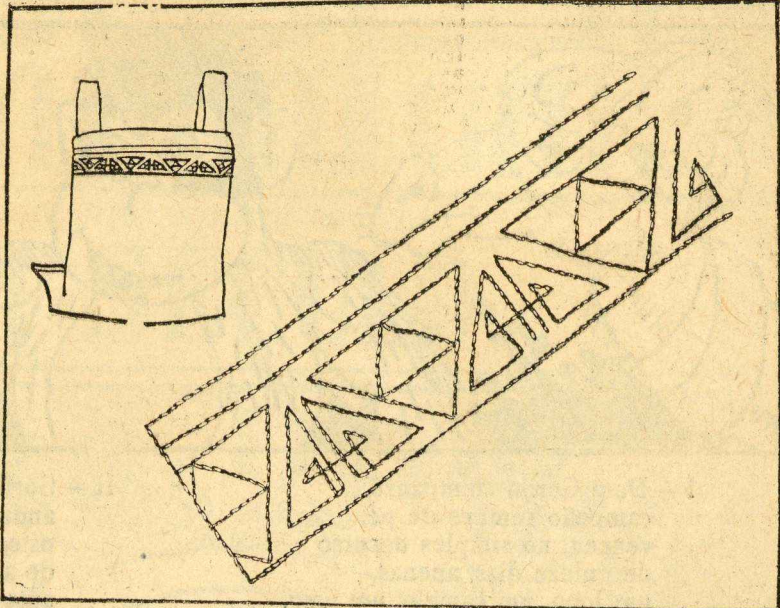
Creio bem, tôdas sentirão a tentação de fazer esta linda camizinha, bordando-a com *filoselle* de algodão C. M. S., da côr que mais lhes agradar.

Além disso, esta barrinha vai ser de grande utilidade; podereis, também, aplicá-la noutras peças de roupa e até ficará muito bem num bibe, num fato, etc.

Mas, por agora, vamos deitar mãos a esta obra, sim?

Vossa

ABELHA MESTRA



CONCURSOS CHARADISTICOS

SECÇÃO RECREATIVA

NOTA:— Tôda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a *Américo Tabora (Rei do Sébo)* — «Pim-Pam-Pum!» — Rua do Século, 43 — LISBOA.

Decifrações do n.º 11

1—*Diogo-digo*; 2—(ANULADA); 3—*Valente-vate*; 4—*ALFAMA*; 5—*Soalho*; 6—*Anis-sina*; 7—*Madeira*.

Produtores

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 4—*I. ATIRBAC*—5 votos

N.º 2—(Anulada)—4 votos

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 1, de «*Lilicas*», 3 votos; n.º 3, 2; n.º 6, 2; n.º 5, 1.

Decifradores

QUADRO DE HONRA

Anjocarfes, António Freire, Arievilo, Barba Azul, Châlet d'Ossos, Dália de Jesus. Dois Manos, Fernandes, Lilicas, Noémia, Tono, Zé Guinoro, Zeuzinho.

(Decifraram 6—*Totalidade*)

QUADRO DE MÉRITO

Fernando R. Cunha, Zé Gaspar, 5 — Alfredo Matos, Um decifrador, 4—Zé Bomba, 3.

Correio

António Freire Capelo. — Se não foi classificado nos números que indica, é porque as listas de decifrações não chegaram às nossas mãos. Como me fala sobre a votação, sou a dizer-lhe que, em cada lista, qualquer decifrador só pode votar em uma charada, concedendo-lhe um voto, unicamente. Nenhum concorrente pode votar em qualquer que seja de sua autoria.

Joieira. — Registamos com muito gosto a sua adesão aos concursos.

nho do costume, sacudiu a água e dirigiu-se ao Gato:

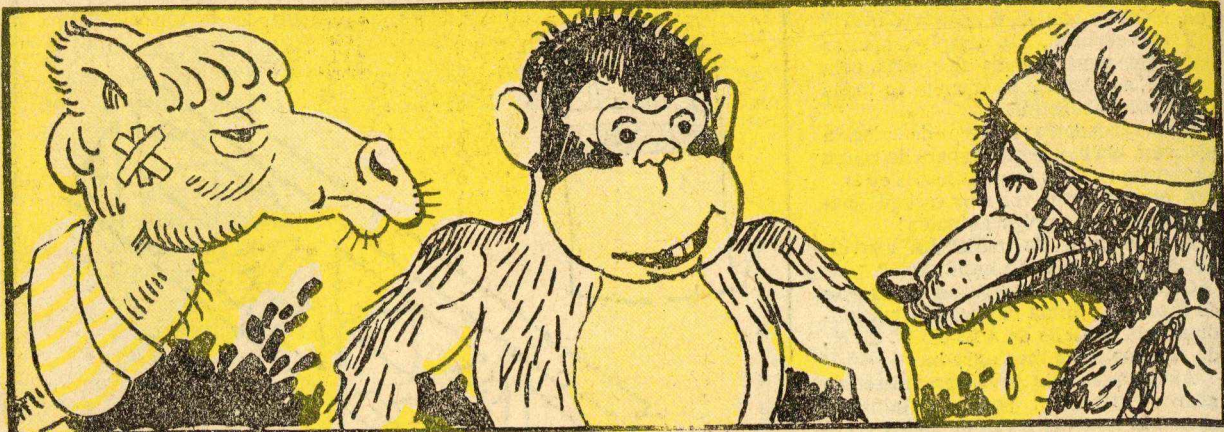
— «Tigre» amigo: Eu bem dizia que o teu lugar não era aqui.

Julgaste que eu estava a dar lição de má educação aos meus filhos, mas vê que eu estive, apenas, com o teu exemplo, a mostrar-lhes que é necessário que cada um saiba onde é o seu lugar;

o teu é na cozinha e não nas capoeiras, onde tu julgas que deves viver.

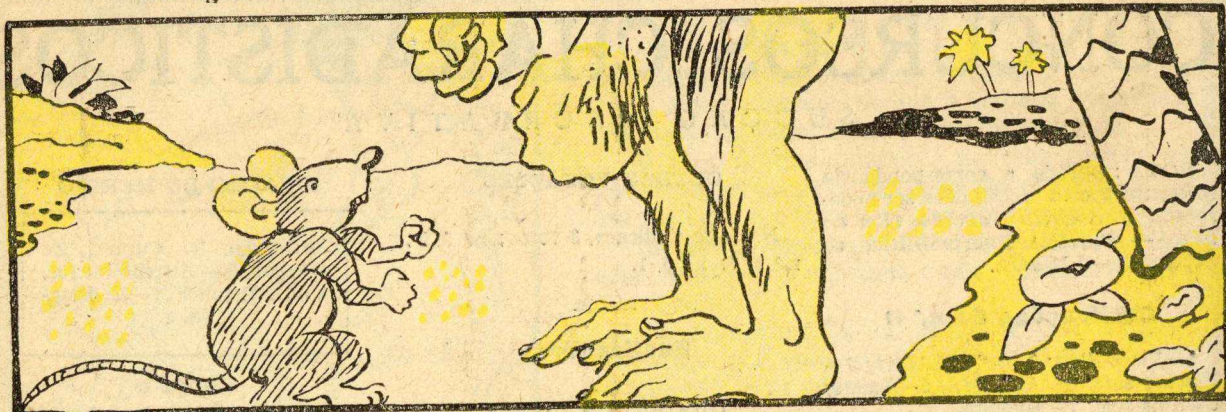
Ninguém é o que quer' ser
E nunca pode escolher.
O que o destino traçar,
A Natureza não erra
E quem nasce, tem na terra
Destinado o seu lugar.

O CAMPIÃO GORILA E JOÃO RATÃO



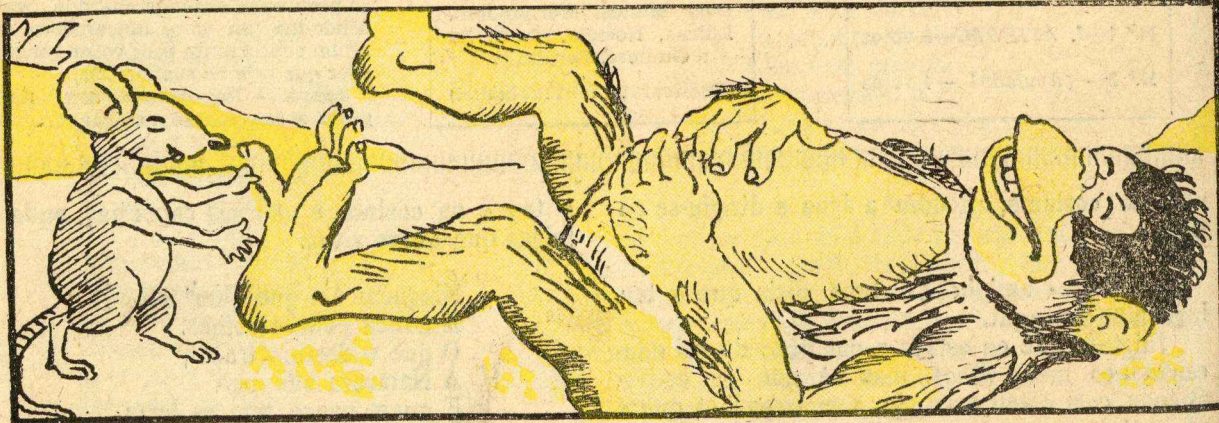
I — Dom Gerila chimpanzé,
campeão sempre de pé,
venceu, no simples decurso
de quinze dias, apenas,
um lobo, um camelo, um urso,
um tigre e duas hienas.

II — Gorila, por tal razão,
andava, com presunção,
ostentando a sua, fôrça,
de atitude enfatuada,
ante o veado, ante a corça
e a restante bicharada.



III — Mas um dia o nosso herói
encontrou João Ratão
que no seu encalço foi
e troçou do campeão.

IV — Ante o arrogante ratinho,
o orgulhoso chimpanzé,
afastando-o do caminho,
pespeçou-lhe um pontapé.



V — Entretanto: — «zás-trás-pás...»
logo ao nosso chimpanzé
Ratão cócegas lhe faz
mesmo na planta do pé.

VI — E nada mais foi preciso
para o desclassificar.
Pois, num ataque de riso,
o Ratão fê-lo tombar.